



## LIVROS

Crítica/'Outra Vida'

# Tensão narrativa se dissipa em sucessão de lugares comuns

Psicologização de personagens soa estereotipada no novo livro de Rodrigo Lacerda, que também participa da 7ª Flip

ALCIR PÉCORA  
ESPECIAL PARA A FOLHA

A narrativa de "Outra Vida", de Rodrigo Lacerda, se ocupa de uma situação banal. Um sujeito de extração humilde engravida e casa com uma moça da elite de uma pequena cidade. Graças à sogra, consegue uma sinecura numa estatal com sede na metrópole. A mulher, sob o império da mãe, pressiona o marido a ter ambição, ao mesmo tempo em que tem dificuldade para aceitar a filha. Acaba amante do chefe do marido, enquanto o marido, pacato, aceita suborno numa licitação. Após denúncia, decide voltar com a família para a antiga cidade.

A situação é, pois, mais típica, que particular. A forma narrati-

va acentua essa natureza generalizante. Chama as personagens pela sua função na economia doméstica: "marido", "homem", "mulher", "filha" e "amante", e adota um ponto de vista de terceira pessoa onisciente, de observação neutra.

A narrativa se desenvolve pela articulação de dois procedimentos. De um lado, acompanha os dilemas das personagens, produzindo um aprofundamento psicológico da aparente simplicidade inicial. De outro, organiza a sincronização dos acontecimentos em torno da hora de saída do ônibus, na rodoviária, que levaria a família de volta à cidade de origem.

O primeiro procedimento resulta, infelizmente, mal. Quando se aplica a escuta neutra às personagens típicas, o resulta-

do não é complexidade psicológica, mas uma coleta de raciocínios tipificados, uma expansão ou escansão do núcleo estereotipado em lugares comuns.

Poderia haver um gosto perverso em produzir esse tipo de preenchimento dedutivo: explicitar toda a porcaria sob a porcaria de origem. Mas não haveria avanço analítico, pois o mapa da banalidade já está praticamente inteiro no convencionalismo inicial. Psicologizar não individualiza as personagens, apenas expande a convencionalização. No pior dos casos, ocorre naturalização de estereótipos e não "hiperrealismo": "Muitas vezes, enquanto trepava com a mulher, prestando atenção em detalhes hiperrealistas da cena sexual, cogitava o que o marido sentiria se

soubesse, se os visse ali, se ouvisse a mãe de sua filha gemendo com outro homem na cama". O efeito geral é redundante. O estereótipo ganha foros de alegoria do mundo.

O segundo procedimento é o que o livro tem de melhor. A situação típica é concentrada, dramatizada em torno de um momento único. A operação

torna o livro apto para se tornar um bom conto, com suspensão e expectativa narrativa, mas não se impõe sobre o conjunto distendido do romance. Bem realizada no ápice, quando ocorre o desaparecimento da menina e momentos de desespero, a tensão acaba diluída nas digressões que consomem a narrativa. Perder o nervo que

sincroniza os eventos com a iminência do desastre equivale a perder a partida.

ALCIR PÉCORA é professor de teoria literária na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas)

**➔ OUTRA VIDA**

**Autor:** Rodrigo Lacerda  
**Editora:** Alfabeta  
**Quanto:** R\$ 39,90 (184 págs.)  
**Avaliação:** regular